

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THIAGO LUIZ CACHATORI

UMA EXPERIÊNCIA DES-RE-TERRITORIALIZANTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CURITIBA

2019

THIAGO LUIZ CACHATORI

UMA EXPERIÊNCIA DES-RE-TERRITORIALIZANTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Kátia Maria Kasper

CURITIBA

2019

Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

C119e Cachatori, Thiago Luiz

Uma experiência des-re-territorializante na educação básica
[recurso eletrônico] / Thiago Luiz Cachatori – Curitiba, 2019.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e
Prática de Ensino.

Orientadora: Dra. Kátia Maria Kasper

1. Educação básica. 2. Professores – Formação. 3. Geografia –
Estudo e ensino. I. Universidade Federal do Paraná. II. Kasper,
Kátia Maria. III. Título.

CDD: 370.71



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCACAO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO: TEORIA E
PRÁTICA DE ENSINO - 40001016080P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado Profissional de **THIAGO LUIZ CACHATORI**, intitulada: **UMA EXPERIÊNCIA DES-RE-TERRITORIALIZANTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA**, sob orientação da Profa. Dra. KÁTIA MARIA KASPER, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Agosto de 2019.


KÁTIA MARIA KASPER

Presidente da Banca Examinadora


MARCOS ALBERTO TORRES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ)


MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ)

Aos estudantes que tiveram seu futuro negado pelo agenciamento da máquina escolar e pelas diversas formas do descaso humano.

AGRADECIMENTOS

À (des)orientadora Kátia Maria Kasper, por tantas trocas e questionamentos;

à minha mãe Elisete, meu pai Joselei, minha irmã Karla, meu irmão Matheus e minha sobrinha Luiza, que sempre me incentivaram a chegar até aqui;

ao Grupo Sem Nome (nosso grupo de orientação), em especial à Gabriela, Thalita, Susan, Maiara, Maritana, Daniella e Camila;

à Aline Di Giuseppe, amiga periférica que o mestrado me deu;

a todos(as) os(as) parceiros(as) do Colégio Marista Anjo da Guarda, em especial Isabel, Luciene, Jefferson, Celize e Kika, pela paciência e atenção que tiveram comigo durante este tempo;

aos colegas da DERC (Diretoria Executiva da Rede de Colégios Maristas);

aos “bróderes do surfe” pela parceria de vida que a geografia me deu;

à Universidade Federal do Paraná e todo aparato de uma universidade pública de qualidade;

a todos(as) alunos e alunas, que me des-re-territorializaram enquanto educador.

“Vim pra sabotar seu raciocínio”

Racionais Mc's

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a uma experiência des-re-territorializante de um professor de geografia e o movimento de (re)pensar o espaço geográfico na educação básica. Com base nesta proposta, pistas foram cartografadas como processo metodológico, marcadas por trajetórias que percorreram mais de 8.000 km de sul ao nordeste do Brasil, ao encontro do improvável, do desconhecido, na busca de desconstruir certezas de um professor de Geografia. A escrita e a estética também foram experimentadas neste trabalho de uma forma diversa, a fim de deslocar o leitor junto com os trajetos do caminhar. Os atravessamentos resultantes deste perambular deixaram marcas de todas as escalas, camadas e profundidades, seja no professor, no pesquisador, no estudante de mestrado, no viajante. Os caminhos desbravados ao longo deste mestrado resultaram em um processo contínuo de criação e abertura, possibilitando novas perspectivas de trabalho no ambiente escolar e com os agentes que o compõem.

Palavras-chave: Des-re-territorializar. Experiência. Formação.

ABSTRACT

This research presents itself as an experience of de-re-territorialization of a Geography Teacher and the movement of (re)thinking the geographical space in Basic Education. Based on this proposal, clues were charted as a methodological process, marked by trajectories that spanned more than 8.000 km from south to northeastern Brazil, meeting the unlikely, the unknown, seeking to deconstruct certainties of a teacher who controls the logic of schooling. Writing and aesthetics have also been tried in a different way in this work, in order to move the reader along with the walking paths. The resulting crossings of this wandering left marks of all scales, layers and depths, be it in the teacher, the researcher, the master student, the traveler. The paths pioneered throughout this master's degree resulted in a continuous process of creation and openness, enabling new perspectives of work in the school environment and with its agents.

Keywords: De-re-territorialization. Experience. Formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA 1 – SEDENTÁRIO, MIGRANTE E NÔMADE EM DELEUZE E GUATTARI.....	38
FIGURA 1 – LEV(AR).....	15
FIGURA 2 – FANDANGO EM MOVIMENTO.....	20
FIGURA 3 – PART(IR).....	23
FIGURA 4 – E_S_P_A_Ç_A_R.....	26
FIGURA 5 – CIRCUL(AR).....	30
FIGURA 6 – BALANÇ(AR).....	33
FIGURA 7 – EVITE SE ARRISCAR.....	36
FIGURA 8 – CAMINHOS, PORTAS E JANELAS.....	43
FIGURA 9 – BANKSY, PICASSO QUOTE.....	45
FIGURA 10 – RESSONÂNCIA MAGNÉTICA.....	48
FIGURA 11 – ENCONTROS.....	51
FIGURA 12 – NAS LADEIRAS DE OLINDA.....	53
FIGURA 13 – CALMARIA EM FUGA.....	55
FIGURA 14 – PALAVRAS PERDIDAS.....	58
FIGURA 15 – DENTRO ALI.....	60
FIGURA 16 – NÓ.....	62
FIGURA 17 – PERCEPÇÕES EM REGISTRO DE CAMPO.....	63
FIGURA 18 – CHARGE: LAERTE.....	67

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	UM CAMINHAR NA CARTOGRAFIA	16
2.1	A trajetória das pistas.....	21
3	ESPAÇO GEOGRÁFICO, DES-RE-TERRITORIALIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA	24
3.1	Espaço geográfico e etc.....	24
3.2	Des-Re-Territorialização e etc.....	27
3.3	Experiência e etc.....	31
	3.3.1 A trajetória da experiência.....	34
3.4	Etc, etc, etc e o espaço escolar.....	37
4	UM PERAMBULAR DES-RE-TERRITORIALIZANTE	44
4.1	Sons e seus atravessamentos no espaço geográfico.....	46
4.2	Encontros e seus atravessamentos no espaço geográfico.....	49
4.3	Paisagens e seus atravessamentos no espaço geográfico.....	52
4.4	Sentidos e seus atravessamentos no espaço geográfico.....	54
4.5	Leituras e seus atravessamentos no espaço geográfico.....	56
4.6	Entre o que vai e o que fica e seus atravessamentos no espaço geográfico.....	59
4.7	Criação, aprendizagem, educação e seus atravessamentos no espaço geográfico.....	61
5	CONSIDERAÇÕES	63
	REFERÊNCIAS	68

1. Introdução

Esta dissertação se apresenta como uma experiência des-re-territorializante e sua contribuição para repensarmos o espaço geográfico na educação básica, tendo a cartografia como metodologia, marcada por processos e encontros de um professor de geografia que percorre o Brasil do Sul ao Nordeste e se deixa atravessar pelas marcas dessas trajetórias.

Deixar se afetar é desconstruir certezas. A educação, por vezes, apresenta entraves em relação a essa ideia, pois constantemente trabalha com conceitos dados e finalizados. Quando discutimos o espaço geográfico em sala de aula, frequentemente espera-se uma concepção e um entendimento padronizado por parte dos educandos. Por exemplo, o espaço geográfico é apresentado em muitos livros didáticos como sendo resultado das relações estabelecidas entre os indivíduos de uma sociedade e dessa com a natureza. Caberia o espaço geográfico nesta definição? Como professores, deveríamos padronizar um conceito com uma definição dada como certa? Feitos estes questionamentos, propõe-se nesta pesquisa uma abertura ao processo de des-re-territorialização do professor de geografia do ensino básico, para que (re) pensemos o espaço geográfico e nossas práticas enquanto docentes. Este espaço não cabe em poucas linhas; é preciso sentir, olhar sob diversas perspectivas, degustar, ouvir, entre tantos outros atravessamentos, para que assim possamos construir e (re)pensar este conceito com os educandos, em uma sala de aula.

É uma experiência des-re-territorializante por ser marcada por deslocamentos, reposicionamentos, mudança de espaçotempos, abertura ao inevitável e trajetórias que nos atravessam. Esta proposta não se limita apenas ao processo de interagir com o espaço geográfico, mas investiga como as vivências afetam o pensar a geografia em sala de aula, para além da concepção conceitual. O texto dialoga com autores como Doreen Massey (2000, 2004, 2008, 2017), Rogério Haesbaert (2010), Gilles Deleuze (2010, 2011), Félix Guattari (1990, 2010, 2011), Jorge Larrosa (2011, 2016), entre outros.

Partindo dos conceitos aqui abordados, muitas linhas já foram escritas sob as lentes deste processo, como por exemplo o pensar a territorialização e seus desmembramentos, seja em HAESBAERT (2007, 2010, 2017), SOUZA (2003) ou SANTOS (1996); bem como sobre experiência e experimentação em LARROSA (2011

e 2016), DELEUZE & GUATTARI (1998 e 2011); espaço geográfico com SANTOS (1996, 2008 e 2010), CLAVAU (2007), MASSEY (2000, 2004, 2008 e 2017), CORREA (2011); e a própria prática da aula de campo como ferramenta didática com SILVA (2010), CIRINO & DIAS & FREITAS & BRASIL (2009), FIGUEIREDO & SILVA (2009). Todos endossam a territorialização destes conceitos e seus enquadramentos acadêmicos. Como apontado anteriormente, o que se pretende neste trabalho é um processo de des-re-territorialização e não teria como fazer isso com o(a) professor(a) de geografia sem fazê-lo também com os conceitos que permeiam suas práticas. Para isto, optou-se por dividir esta dissertação em quatro capítulos, como apresentados abaixo.

Em “um caminhar na cartografia”, constrói-se um diálogo entre a metodologia da cartografia e os caminhos desta pesquisa, cartografando as pistas que foram experimentadas e os meandros contornados para que este professor de geografia experienciasse a lógica da des-re-territorialização, sempre diferenciando a cartografia da geografia da cartografia, enquanto metodologia. Destaca-se que as pistas foram descobertas/inventadas ao longo do próprio caminhar da pesquisa, partindo da ideia do erro e tentativa, bem como do não controle do processo deste cartografar, evidenciando um (re)estabelecimento da relação professor/aluno, da condução de uma aula e de novas possibilidades no espaço escolar, com destaque para as trajetórias trilhadas neste processo.

No capítulo “espaço geográfico, des-re-territorialização e experiência”, há uma reflexão sobre como experiências des-re-territorializantes podem contribuir para repensarmos o espaço geográfico na educação básica. Uma discussão acerca da concepção teórica de cada um destes conceitos é apresentada já que, em se tratando de processos educacionais, a escolha do objeto de estudo é uma linha tênue no pesquisar. Apresentam-se ainda um olhar de abertura epistemológica sobre o Espaço Geográfico, a compreensão sobre a des-re-territorialização e um delineamento das possibilidades de experiência para, por fim, correlacionar ambos os conceitos e apresentar uma proposta de atravessamento no ambiente escolar por meio da aula de campo e sua fundamentação teórica/prática.

Toda a proposta da experiência é desenvolvida em “um perambular des-re-territorializante”. Neste capítulo, a análise surge como um exercício de escrita deste professor de geografia que viaja por vinte e oito dias do Sul ao Nordeste do Brasil, em

busca de um des-re-territorizar-se. A estética de escrita é apresentada de uma forma diferenciada, com fragmentos de textos, que retratam o trajeto sob várias perspectivas, intercalados com fotografias produzidas ao longo do trajeto percorrido. O processo de des-re-territorialização se evidencia com as experiências e os atravessamentos apresentados, enfatizando a potência de uma aula de campo na educação básica.

Por fim, são apresentadas as “considerações” desta dissertação, destacando as marcas e pistas deste processo e sua contribuição para o objetivo proposto em desafiar este professor/pesquisador em uma experiência des-re-territorializante, repensando conceitos dados e findados, no ensino da geografia da educação básica. É evidente a potência do atravessamento efetuado por este trabalho ao longo de dois anos de envolvimento, sobretudo pelos deslocamentos causados.



Figura 1 – Lev(ar). Foto: Thiago Luiz Cachatori

2. Um caminhar na cartografia

Entende-se que o professor, aqui em questão o de geografia, vive um ininterrupto processo de formação, um des-re-territorializar constante, como um corpo em busca de ser afetado pela alteridade, de correr riscos, de superar os automatismos da ação, da reprodução de padrões (sejam relativos à pesquisa, ao ensino, à extensão, à aprendizagem). Portanto, na cartografia de tal processo, o trajeto ganha maior relevância do que a precisão do chegar. Nesta pesquisa, os processos que foram cartografados neste caminhar de pesquisador, ao ganharem corpo em relação ao objetivo principal deste trabalho, fizeram com que uma experiência des-re-territorializadora contribuísse para um (re)pensar o espaço geográfico na educação básica.

Antes de apontar as pistas deste cartografar, é preciso deslocar a concepção de cartografia da Geografia, em se tratando da cartografia como metodologia na perspectiva adotada. O conceito tradicional de cartografia remonta à geografia instrumental, que serve a esta ciência como base de registro e representação espacial (estática). Já a cartografia, pensada como conceito por Deleuze e Guattari (2011), vem sendo utilizada como metodologia de pesquisa de objetos processuais em diversas áreas do conhecimento.

A metodologia da cartografia busca mapear essas linhas que compõem os objetos investigados e as relações de força que os envolvem. Neles convivem paradoxalmente linhas, estratos, segmentaridades, intensidades, linhas de fuga. [...] Operar esse método requer a construção de um corpo-pesquisador/a específico, um corpo aberto aos encontros, ensaísta, disponível para a experiência, que aprende a ser afetado e ganha potência e intensidade de afetar. Abertura, disponibilidade, afecção, atitude, que contribuem para captar intensidades, produzindo linhas de fuga, deslocamentos... A cartografia torna possível a abertura às invenções e mapeamentos dessas linhas, podendo a pesquisa ao mapear, inquietar, deslocar, criar. (KASPER; SANTOS, 2015 p. 15229).

Ao longo deste trabalho, pode-se dizer que tanto a pesquisa, quanto o pesquisador, des-re-territorializaram-se diversas vezes no processo que se desenvolveu. Nos momentos em que o educador se fez ator, o pesquisado inverteu o papel do pesquisador, o professor passou a ser aluno, o aluno se colocou como professor. Alguns momentos um devir aluno, outro um devir aprendiz, um devir interventor, um devir professor, um devir pesquisador, um devir pesquisado, e outros tantos devires que se atravessaram neste perambular objetivado. Os caminhos

metodológicos foram sendo traçados a partir de pistas descobertas ao longo do próprio caminhar da pesquisa, na grande maioria das vezes de forma espontânea e inesperada, até porque nada melhor que descobrir o caminho com o próprio caminhar. Só foi possível reconhecer este apontamento após muito erro e tentativa, sem sucesso, de controlar todo o processo deste cartografar. Muito se deve à Kátia Kasper por tirar o chão deste professor/pesquisador/estudante. Com toda certeza, ela foi peça chave para a des-re-territorialização sob as diversas dimensões. Primeiro, por desconstruir totalmente as certezas e objetivações findadas antes mesmo de experimentar este perambular. Segundo, por instigar e encorajar a entrega ao desconhecido, ao outro, ao novo.

A partir disto, pistas foram experimentadas, processos de imersão realizados, trilhas desbravadas. A própria escrita foi repensada, rompendo com a lógica da acomodação e passividade que muitas vezes prevalecem, seja em sala de aula, ou como pesquisadores(as). Aí se dá a necessidade de estar aberto aos acontecimentos e aos encontros. Para João Fiadeiro e Fernanda Eugénio¹, o encontro é uma ferida que alarga, de maneira tanto delicada quanto brutal, o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva.

A cartografia desta produção é uma cartografia do processo desejante que abre janelas para o devir das instituições escolares e dos estratos da cidade, estabelecendo vias de comunicação com o “fora”, colocando a subjetividade em questão e mostrando como é possível a invenção de novos processos de constituição de si e do viver-junto. (TORRES, 2016, p. 7).

Novas formas de pesquisar surgiram, afetando transversalmente o aprender/ensinar/pesquisar do professor de geografia na educação básica e contribuindo, assim, para que o mesmo propusesse novos agenciamentos em um ambiente escolar, além de (re)estabelecer uma relação que vai além da hierarquização do professor em relação ao estudante, da elaboração/condução de uma aula engessada em um trilhar pronto, com começo, meio e fim, sem espaços para os entres. Abrir espaço para estes entres (rachaduras, talvez), é um exercício espacial, que ganha força quando se vive o espaço de uma maneira aberta aos

¹ Excerto da conferência-performance Secalharidade – Culturgest (2012): O encontro é uma ferida.

acontecimentos. Uma trajetória se deu para este processo cartográfico; esta foi “A trajetória das pistas”.

Trajétória, linha descrita ou percorrida por um corpo em movimento. Do latim: “*trajectore*”, o que atravessa. Caminho percorrido por um corpo ou partícula em movimento. Ação de percorrer um trajeto. É tempo e espaço ao mesmo tempo. Trajetória associa-se também ao encontro, da multiplicidade e da diferença.



Figura 2 – Fandango em movimento. Foto e edição: Thiago Luiz Cachatori

2.1. A trajetória das pistas

Tudo (re)começa no ano 2017, mês de agosto, com um projeto de pesquisa bem estruturado, um plano bem traçado e um objetivo (re)conhecido. Entretanto, este trajeto estava sob total controle do pesquisador. Mal sabia ele que seria surpreendido pelo incontrolável. Nas primeiras vivências com sua (des)orientadora, esse professor de geografia já trazia tudo pronto e findado. Parecia já ter o caminho traçado, ou melhor, já tinha o caminho para encontrar a resposta, algo que é comum no mundo escolar, sobretudo quando os professores possuem o controle da situação. Aos poucos, foi-se perdendo o chão, aquilo que era estável, passava a ser questionado por sua (des)orientadora, fazendo com que ele próprio passasse a se questionar também e colocar as certezas como dúvidas. As pistas foram surgindo e as descobertas vieram à tona. Primeiro, buscou fazer o máximo de leituras e se aprofundar em assuntos de sua área de estudo, mas sentia que faltava alguma coisa. Dias de conflitos internos. Até as placas tectônicas internas se chocaram, de tanta abertura de passagem. Deixar o continente para partir é um caminho sem volta. Mais um tempo no envolvimento desse conflito. Abertura maior, era isso que faltava, perder o chão totalmente, des-re-territorializar-se. Os encontros do Grupo Sem Nome (nosso grupo de orientação) fizeram com que cada vez mais o tombo ocorresse, até mesmo um codinome apareceu, Caio, e talvez, por assim ser chamado muitas vezes, passou a se deixar cair de fato.

- as pistas surgem no inesperado muitas vezes -

A ideia era partir, deixar o continente seguro e estar aberto ao inesperado. Essa transformação acabou por metamorfosear a própria trajetória do projeto pré-estabelecido. Tinha a necessidade de partir não só internamente, mas com seu corpo pelo espaço, a fim de olhar para esse espaço como nunca havia feito. Como professor, nós sempre temos um fim para as coisas, e partir pelo Brasil era apenas o começo.

- *Registro externo - a caderneta de campo foi sua maior aliada neste processo;*
- *Registro interno - os atravessamentos foram a maior caderneta de campo interna;*
- *Aprofundamento - os livros que o acompanhavam, em cada cidade que estava, além de marcarem presença no espaço, contribuía para o fortalecimento daquilo que não se pensou anteriormente.*
- *Des-re-territorialização - cada esquina cruzada, cada ponto de chegada e de partida, cada desconforto, cada descoberta, cada nova sensação, cada nova emoção, cada novo dava origem a uma nova perspectiva e a des-re-territorialização se encontrava-se ali, no pequeno, no mínimo, no micro, no segundo, nas fissuras, nas existências mínimas.*

Cartografia passa por este caminhar. Traçar conforme se escapa, como um desenho a mão livre. Não se atravessou apenas o Brasil, atravessou-se uma pesquisa, um professor, fazendo com que devires pedissem passagem ao atravessamento. Ao retornar a Curitiba, encontravam-se outros, isso graças às pistas (des)construídas nestas trajetórias e que se externalizam em forma de palavras, ao longo dessa dissertação.



Figura 3 – Part(ir). Foto: Thiago Luiz Cachatori

3. Espaço Geográfico, Des-Re-Territorialização e Experiência

3.1 Espaço geográfico e etc

Sob o impacto dos processos de globalização que “comprimam” os espaço e tempo, erradicando as distâncias pela comunicação instantânea e promovendo a influência de lugares os mais distantes uns sobre os outros, a fragilização de todo tipo de fronteira e a crise da territorialidade dominante, a do Estado nação, nossas ações sendo regidas mais pelas imagens e representações que fazemos do que pela realidade material que nos envolve, nossa vida imersa numa mobilidade constante, concreta e simbólica, o que restaria de nossos “territórios”, de nossa “geografia”? (HAEBART, 2010, p. 19 - 20).

Somos seres sociais e nos relacionamos no/com o espaço geográfico, que pode ser caracterizado como absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexos e condição social, experienciado de diversos modos, rico em simbolismo e campo de lutas, repleto de atravessamentos. Na busca de não classificar o conceito de espaço geográfico em algo fechado, um único “é”, podemos abri-lo, atravessá-lo, observando-o sob diversas perspectivas, sempre refletindo sobre o que é.

É multidimensional!? É possibilidade!? É incerteza!? É a sedimentação milenar!? É o pobre!? É a biodiversidade!? É o que não tem nada!? É o movimento das placas tectônicas!? É o negro!? É a política!? É o fluxo de capital!? É a luta das mulheres!? É a mídia!? É o homossexual!? É o passado!? É também o presente!? É o militar!? É a hidrografia!? É o misógino!? É o imigrante!? É o cadeirante!? É o professor!? É o capitalismo!? É a escravidão!? É a tecnologia!? É o assassinato da Marielle!? É o movimento das marés!? É o agronegócio!? É o indígena!? É a literatura de cordel!? É a pintura de Dalí!? É o golpe de Estado!? É a mudança climática!? É a mobilidade urbana!? É o lucro do patrão!? É a imagem de satélite!? É o grito da torcida!? É a oração do que tem fé!? É a fila do SUS!? É a exploração do petróleo!? É a produtividade!? É a competência socioemocional!? É a sonoridade da cidade!? É a queda do dólar!? É esse mundo de possibilidade!? É e pode também não ser!? Isso e mais um pouco.

“O espaço é a esfera da possibilidade da multiplicidade na qual distintas trajetórias coexistem, é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade,

sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então, isto deve implicar na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. (MASSEY, 2004, p. 8).

É possível, a partir de então, trabalhar a própria noção do espaço como espaçotempo, que é visto como multiplicidade, diferença, atravessamento. A noção deste espaçotempo se relaciona ao quanto nos movimentamos no mesmo e à nossa experiência de tudo isso. Destaca-se aí a Geometria do Poder (MASSEY, 2008), o poder de movimento que se diverge de um para outro, modificando assim a visão de espaço geográfico de acordo com estas mudanças de perspectiva. É lugar da imbricação das múltiplas trajetórias, considerando o movimento e a transformação como constituintes fundamentais na construção do mesmo.

Colocar a conceituação do espaço em dúvida é um exercício/jogo do (re)pensar um tanto quanto interessante, foge à lógica tradicional de olharmos um conceito com uma amarração linear. Seria cômodo retomar a linearidade unilateral da história e da epistemologia do Espaço Geográfico, que parte lá no final do século XIX, com a geografia tradicional, passando pela corrente teórico quantitativa, posteriormente questionado pela geografia crítica, e mais recentemente, as teorias humanistas e culturais. Todos os referenciais trazem esta trajetória dada e findada, a qual desconsidera os entres, os sobres, entrelaçados no percurso. Por isso há o desafio de olhar para este espaço como múltiplo, onde o outro reserva uma condição para o inesperado, que sempre abre perspectivas para espaços outros. O fato é que este conceito por si só não é algo findado, é processo e está em constante des-re-territorialização, com extremidades inacabadas e marcado pelo caos.



Figura 4 – E_S_P_A_Ç_A_R. Foto: Thiago Luiz Cachatori

3.2 Des-Re-Territorialização e etc

Construir territórios, marcar territorializações, territorializar-se. Por muito tempo, a noção deste conceito foi atrelada à lógica do território nação. Conceituação fixa e findada, associada às políticas de Estado e ao controle do espaço geográfico dito vital. A leitura do mesmo sempre foi permeada através da relação deste com a noção de poder, já que onde se estabelece um território, a presença do poder se dá. A ciência geográfica sempre buscou encontrar explicações para a compreensão de território, entretanto, segundo Haesbaert (2010, p. 31), a concepção teoricamente mais elaborada parte de Gilles Deleuze e Félix Guattari com a ideia de desterritorialização.

Nos animais, sabemos da importância das atividades que consistem em formar *territórios*, em abandoná-los ou em sair deles, e mesmo em refazer território sobre algo de uma outra natureza (o etólogo diz que o parceiro ou o amigo de um animal “equivale a um lar”, ou que a família é um “território móvel”). Com mais forte razão, o hominídeo: desde seu registro de nascimento, ele desterritorializa sua pata anterior, ele a arranca da terra para fazer dela uma mão, e a reterritorializa sobre galhos e utensílios. Um bastão, por sua vez, é um galho desterritorializado. É necessário ver como cada um, em qualquer idade, nas menores coisas, como nas maiores provações, procura um território para si, suporta ou carrega desterritorializações, e se reterritorializa quase sobre qualquer coisa, lembrança, fetiche ou sonho (2010, p.82).

Uma das perspectivas que podemos discutir sobre o território é a partir das contribuições de Haesbaert, o qual agrupou-o a diferentes compreensões sob três vertentes diversificadas: a Política - ligada fortemente à biogeografia de Hatzel e à geografia política de Jean Gottman, tendo a unidade política como sinônimo de território, uma percepção muito vinculada à lógica de território-nação; a Cultural - com um viés da fenomenologia, relacionando valores simbólicos como parte da formação do território; e Econômica – predominantemente atrelada ao materialismo. Mais recentemente, foi acrescentada a vertente Natural, associada aos territórios animais, com uma concepção darwinista e ambientalista deste conceito. Entretanto, o próprio autor traz uma outra leitura deste conceito, a partir de uma perspectiva integradora, envolvendo a leitura do território como um espaço que não pode ser considerado nem estritamente natural, nem unicamente político, econômico ou cultural e sim com uma

perspectiva que perpassa todas as dimensões sociais/naturais. Sendo assim, ele sintetiza três visões para o conceito de território:

a) Uma visão mais tradicional em que o território é uma área de feições/relações de poder relativamente homogêneas; onde as formas de territorialização se apresentam como “controle de acesso” de uma área, seja para a exploração de recursos ou para controle de fluxos (especialmente de pessoas e de bens);

b) Outra que, diferente de uma visão estável deste conceito, promove uma releitura com base no território como rede (os “territórios-rede”, centrados no movimento e na conexão) incluindo diferentes escalas;

c) Uma terceira, que inclui não apenas a concepção multiescalar do território, mas trabalha também com a ideia de território como um híbrido, seja entre o mundo material e ideal, entre a natureza e sociedade, ou em suas múltiplas esferas (econômicas, políticas e culturais).

É sobre esta terceira concepção, multiescalar, aberta, híbrida, que este trabalho pensa a lógica do território. Pensar este conceito é pensar em suas multiplicidades e atravessamentos. A constituição desta noção não se dá apenas por uma delimitação física ou por uma lógica de demarcação, como se acreditava até recentemente. O espaço geográfico é trans-formado por diversos territórios, que se estabelecem, deformam, desfazem e estão em constante movimento. Em se tratando desta discussão, Deleuze e Guattari marcaram não apenas a discussão sobre território, mas também sobre o próprio espaço, já que ambos estão inter-relacionados nestes fluxos de deslocamentos. Trouxeram à tona a ideia de desterritorialização, como o próprio Deleuze aponta na conversa com Claire Parnet no vídeo *L'abécédaire de Gilles Deleuze* (1996):

“precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte.”

Território. Territorializar. Territorialização. Desterritorializar.
Desterritorialização. Reterritorializar. Reterritorialização. Des-Re-Territorializar. Des-Re-Territorialização. Eis um jogo de palavras que se forma, é possível embaralharmos a ordem, redirecionarmos os prefixos e os sufixos. O processo é híbrido, multiescalar,

diversificado, aberto. O território é o fixo, fechado, dado por certo e pronto. Quando ressignificamos algo e um novo agenciamento é proposto, o que era fixo passa a ser desterritorializado. Entender este processo des-re-territorializante como fluxo, mas com marcas de territórios fixos entre as metamorfoses das mudanças. A riqueza é que a forma se transforma sem controle e a des-re-territorialização é premissa para o novo, o outro, a diferença.



Figura 5 – Circul(ar). Foto: Thiago Luiz Cachatori

3.3 Experiência e etc

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2016, p. 25)

Pode-se afirmar que o próprio processo de formação educacional que os educandos experienciam, muitas vezes, não abre espaço para a ideia de experiência que Larrosa apresenta e acaba por potencializar a fragmentação das relações entre a sociedade e o espaço geográfico. O modelo educacional tecnicista e massificado, por si só, é fundamentado em uma ciência massificadora, com enfoque na produção e reprodução de padrões, que pode até possuir em seu discurso um anseio pela mudança, mas sempre fundamentada nos mesmos resultados. Nesta lógica, a experiência não pode ser vista como o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas que se dá como tarefa de experimentação a partir da diferença. Portanto, já que a ciência com base positivista ganha força na escolarização e na estruturação do currículo escolar desde o século XVII, é mais que fundamental a reflexão sobre a importância da experiência como uma das partes essenciais para este processo de abertura e des-re-territorialização no pensar o ensino-aprendizagem.

Para isso, destacam-se outros aspectos do processo de ensino-aprendizagem, como a própria ressignificação da noção de experiência e a necessidade de abertura ao inesperado. Enxerga-se, assim, a aula de campo como prática pedagógica que possibilitaria aos educandos uma des-re-territorialização através da experiência: uma vivência que atravessa o espaço geográfico, que mergulha em suas conexões, que desloca as diversas perspectivas e trajetórias neste espaço. A abertura de mundo é essencial neste processo, é preciso ser/estar vulnerável e exposto à transformação. Larrosa (2016, p.18) afirma que “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” e a experiência passa a ser cada vez mais rara.

Em um mundo onde as relações estão cada vez mais fechadas, o professor, enquanto mediador em sala de aula, pode criar espaços, movimentos e aberturas que proporcionem experimentações com o espaçotempo. Convidar o aluno a deixar seu continente seguro e construir um mapa em busca da ilha desconhecida, sempre considerando o que cada um tem em sua bagagem. Dá-se, aí a trajetória da experiência.



Figura 6 – Balanç(ar). Foto: Thiago Luiz Cachatori

3.3.1 A trajetória da experiência

“O capitão veio, leu o cartão, mirou o homem de alto a baixo, e fez a pergunta que o rei se tinha esquecido de fazer, Sabes navegar, tens carta de navegação, ao que o homem respondeu, Aprenderei no mar. O capitão disse, Não te aconselharia, capitão sou eu, e não me atrevo com qualquer barco, Dá-me então um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim, Essa linguagem é de marinheiro, mas tu não és marinheiro, Se tenho a linguagem é como se o fosse. O capitão tornou a ler o cartão do rei, depois perguntou, Poderás dizer-me para que queres o barco, Para isso à procura da ilha desconhecida, Já não há ilhas desconhecidas, O mesmo me disse o rei, O que ele sabe de ilhas, aprendeu-o comigo, É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas, Mas tu, se bem entendi, vais à procura de uma onde nunca ninguém tenha desembarcado, Sabê-lo-ei quando lá chegar, Se chegares, Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi essa, Queres dizer que chegar, sempre se chega, Não serias que és se não o soubesses já.”

Diálogo entre o homem que bate à porta do Rei e o Capitão do Rei – O conto da ilha desconhecida (SARAMAGO, 2018, p. 26 a 28)

Convidar, desafiar, motivar, encorajar, desestabilizar, conflitar, questionar, abraçar, cuidar, romper, cutucar, embarcar, propor um novo agenciamento, atravessar, correr, inventar, viajar, perambular, mudar, compartilhar, brincar, (des)encontrar, desperdiçar, abrir, movimentar, criar, embaralhar, contar, revelar, chocar, cruzar, navegar, caminhar, percorrer, admirar, inovar, des-re-territorializar. Eis um mundo que se abre quando se propõe um novo agenciamento dentro de um espaço escolar marcado pela territorialização.



Figura 7– Evite se arriscar. Foto: Thiago Luiz Cachatori

3.4 Etc, etc, etc e o Espaço Escolar

Podemos entender espaço geográfico como processo, um permanente devir. Por isso, a importância de pensarmos a lógica da espacialização e des-re-territorialização. Faz-se necessária a ponte desta discussão com a realidade do educador de geografia em sala de aula. O conceito de espaço trabalhado com os educandos, que antes mantinha um carácter estático e dado por si só, passa a se des-re-territorializar sob a lógica da abertura.

No mundo de Deleuze e Guattari há somente direção e movimento, nunca alguma estação fixa ou lugares finais. A espacialidade também exerce uma pressão extra: o espaço se torna um contínuo encontro, e o pensamento é uma consequência do estímulo do encontro (e não vice-versa). (THRIFT, 1997, p.133 apud HAESBAERT – 2010, p.106).

Repensar o Espaço Geográfico partindo das discussões de Deleuze e Guattari é também repensar as trajetórias, os movimentos, as conexões, e como a dimensão geográfica ganha força perante a histórica, por mais que a concepção sobre o espaço-tempo seja reforçada. Com base nisso, destacam-se e valorizam-se as simultaneidades, os devires e um tipo específico de conexão na forma de pensar o espaço geográfico, a do “rizoma”², ou seja, muito mais os contextos e interações do que as filiações e as sucessões. É preciso desconstruir a ideia linear e estática deste conceito, olhando-o de uma forma orgânica e transversal, onde tudo está ali e agora e sempre em processos de vir a ser outra coisa.

Sobre esta questão, retoma-se uma das ideias na obra de Deleuze e Guattari que se refere às “linhas” de distintas naturezas que constituem os indivíduos e grupos. É possível pensá-las sob três aspectos: linhas molares, linhas moleculares e linhas de fuga. A lógica territorial da geografia conversa com esta concepção, seja em um âmbito micropolítico, pragmático, diagramático, rizomático ou cartográfico. O exemplo fora utilizado por eles mesmos a partir dos movimentos humanos de exclusão: percebendo o sedentário (linha molar), o migrante (linha molecular) e o nômade (linha de fuga ou desterritorialização). Em seu livro, “O Mito da Desterritorialização”, Rogério

² Conceito apresentado por Deleuze e Guattari na obra Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1 – 2011, 2ª edição. A ideia de rizoma se opõe a lógica binária, na medida em que faz conexões múltiplas, heterogêneas, sempre aberta às rupturas e outras associações.

Haesbaert constrói uma tabela para pensarmos a relação entre o conceito de território e o de desterritorialização.

Tabela 1. Sedentário, migrante e nômade em Deleuze e Guattari – Fonte: Haesbaert (2010, p. 239)

Territorialização	Desterritorialização	
	<i>Relativa</i>	<i>Absoluta</i>
<i>Linha molar</i>	<i>Linha molecular</i>	<i>Linha de fuga</i>
Rígida, arborescente, Classes, Binarismo, Quantitativa, Extensiva, Macro, Estabilidade, Plano de organização, Máquinas de sobre codificação	Flexível, Rizomática, Massas, Qualitativa, Intensiva, Micro, Movimento, Plano de imanência	
	Máquinas abstratas, não codificadoras	
Sedentário	Migrante	Nômade

Observando a mesma, é possível relacionarmos a abordagem das Linhas de Deleuze e Guattari com a lógica da Territorialização e Desterritorialização, ficando evidente a ponte realizada entre estas concepções.

Partindo desta lógica, é possível pensar que dentro do ambiente escolar, conforme aponta HAESBAERT (2010), podemos encontrar diversos territórios. Como uma aula, por exemplo, pois para construí-la reunimos de forma integrada um agenciamento coletivo de enunciação e um agenciamento maquínico de corpos. Segundo o autor, a mão cria um território na ferramenta de que faz uso, assim como a boca cria um território ao ser acoplada ao seio. O conceito de território de Deleuze e Guattari ganha esta amplitude porque ele diz respeito ao pensamento e ao desejo – desejo entendido sempre como uma força “maquínica”, ou seja, produtiva. Os autores articulam, assim, desejo e pensamento, abrindo possibilidade de nos territorializarmos em qualquer coisa, desde que este movimento de territorialização expresse um conjunto integrado de agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação. Visto que desterritorializar envolve abandonar o território,

bem como a operação da linha de fuga, e a reterritorialização o movimento de construção de um novo território, algo se desterritorializa para se reterritorializar com novos agenciamentos. Pensar é des-re-territorializar. Toda desterritorialização acompanha uma reterritorialização.

Tomemos o exemplo do educador que está em uma constante des-re-territorialização. Quantos territórios este(a) professor(a) atravessa em um mesmo dia? O território familiar e o território da escola são dois deles. Em cada um deles, existem agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação muito distintos. Na família, os corpos estão dispostos nas figuras, muitas vezes tradicionais, do Pai, da Mãe e do Filho, como aponta Haesbaert (2010, p.138): “Um triângulo hierárquico, imerso na castração, no Édipo e nos decalques”. No território da escola, os corpos são outros, os agenciamentos coletivos de enunciação são outros. É um corpo treinado, com um aparato disciplinar, controle do tempo, hierarquia de funções; são enunciados diferentes – é o uniforme que diferencia os professores dos alunos, é o sinal que avisa a hora de mudar de sala. Múltiplos são os processos de desterritorialização e reterritorialização deste educador, seja no espaçotempo da sala de aula, conselho de classe, reunião de pais, aplicação de prova ou na entrega de boletins.

Como uma forma de pensar, estes movimentos de desterritorializar-se e reterritorializar-se podem contribuir para que este docente crie aberturas e que se inventem outras relações, outros tempos, outros espaços. Marcados pela micropolítica, na desconfiança dos modelos e comportamentos consolidados, a criação de atenções outras, o abandono dos controles, deixando que modos distintos de existir ocupem o espaço escolar e aquilo que era territorializado de maneira fixa possa se desterritorializar a partir destas fissuras.

A compreensão do espaço geográfico com base em uma experiência des-re-territorializante ganha corpo, já que a lógica dos fluxos é muito mais importante do que os fixos; deslocar-se no espaço é (re)pensar o espaço. Assim, não só o educador e o educando se des-re-territorializam, mas sua concepção sobre o espaço geográfico também, fazendo com que neste dinamismo uma des-re-territorialização ganhe passagem. Percebe-se aí o movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Muito mais do que uma coisa ou um objeto, a des-re-

territorialização é uma ação em constante processo; assim também se dá a relação entre educador, educando e a construção do trabalho sobre o espaço geográfico.

Pensar os territórios, o espaço geográfico e a geografia é também pensar em acontecimentos, devires, desejos. Com base nisso, dar abertura para novos agenciamentos nas práticas escolares, conselhos de classe, conversas e diálogos entre educandos, aulas de campo, sala de aula, potencializando o inesperado, fazendo com que o próprio espaço escolar possa se desterritorializar e reterritorializar de múltiplas maneiras. O processo educacional se constitui por meio da alteridade, percebendo e se relacionando com o outro e as trajetórias que o atravessam. A experimentação no espaço escolar pode-se encontrar nesta relação de atravessamentos, trajetórias e experiências múltiplas. É o que Massey denomina de “A mirada-de-dentro-para-fora (outwardlookingness)”; mais que um neologismo, é uma espécie de método de ensino, que incentiva nossas imaginações geográficas, servindo como inspiração durante o território dos 50 minutos em sala, para problematizarmos a agenda da escola por meio de nossas experiências. Nada melhor que pensar o espaço com o próprio espaço.

Em um momento delicado em que vivemos, marcado por uma crise política que ameaça o ofício docente, sobretudo a intelectualidade dos(as) professores(as) de Geografia, é nosso papel refletir a escola a partir da política da espacialidade, ou seja, entendê-la como espaço do múltiplo, dos atravessamentos, da abertura como princípio da interpretação espacial, questionando a objetividade do território do verdadeiro. Partindo desta compreensão, algumas mudanças se destacam na relação dos docentes com seus alunos neste território escolar: começando pelo fato de que a geografia pode ajudar os jovens a explorar a natureza controversa do mundo. Grande parte das concepções geográficas está nas experiências e a reflexão espaçotemporal deve tornar explícita as “imaginações geográficas” dos(as) alunos(as) e explorar de onde elas vêm, sempre questionando-as, ao invés de aceitá-las; a Geografia deveria ajudar os estudantes a explorar como os lugares são complexos e variados, utilizando-se de uma variedade de perspectivas, a fim de dar credibilidade para pontos de vista dos(as) próprios(as) estudantes. A diferença precisa ser reconhecida antes de qualquer sentido de comunidade que possa ser desenvolvido.

Quando o processo de des-re-territorialização ganha abertura no espaço escolar um mundo de possibilidades se abre. Portanto, baseado na discussão desta

dissertação, uma prática de caminhar no espaço foi proposta ao longo da construção deste trabalho. Perambulação esta objetivada como um exercício de abertura para (re)pensar os espaçotempos escolares, um processo vivo ao encontro do inesperado, construindo seus próprios agenciamentos e provocando conexões distintas das iniciais.

- como aprender a não controlar processos? –

Sair com um objetivo preciosamente construído e deixá-lo se perder ao longo do caminhar, encontrando outros caminhos, produzindo uma maneira outra de pensar e pesquisar. Afetando a compreensão destes tantos espaçotempo escolares, percebendo-os como um rizoma que não para de se conectar.

- “há o melhor e o pior do rizoma: a batata e a grama, a erva daninha”³ -

Um mundo de possibilidades se abre quando se escapa do território escolar, com todo um agenciamento estabelecido, e entramos em contato com o espaço geográfico por meio de uma aula de campo. Tudo parece chamar atenção. Precisa-se de muito cuidado, por parte do(a) educador(a), para não desconstruir o processo com o excesso de controle. Há uma grande diferença entre uma aula de campo planejada e uma aula de campo guiada. Planejar uma prática destas se faz necessário, inclusive precisa-se ter um objetivo de aprendizagem para tal. Porém, estar aberto ao não premeditado e dar espaço para o imprevisto faz parte do processo de ensino/aprendizagem.

Para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o *hódos-metá* da pesquisa. (ESCÓSSIA, KASTRUP e PASSOS, 2015, p. 13)

Objetivando o processo de des-re-territorialização de um professor/pesquisador de geografia e, com essa experiência, pensar a potência desta experimentação para novos agenciamentos no ambiente escolar, a ideia de caminhar pelo Brasil resultou na proposição: viajar para alguns lugares do país, saindo de Curitiba, levando alguns livros. Em cada parada, ler uma obra e depois partir. Este caminhar foi pensado como um processo formativo, integrando a pesquisa de

³ (DELEUZE, 2011 p.22) arrumar direitinho nota de rodapé na revisão e formatação

mestrado, com a ideia de se libertar do professor/pesquisador que quer controlar todo o processo, garantir tudo de antemão, dar abertura ao que pede passagem, permitir o inesperado, uma aventura imprevisível que muitas vezes em sala de aula não temos espaço/tempo. Como aponta Silvio Gallo (2017, p.84), “pode até haver métodos para ensinar (eles pelo menos servem para tranquilizar as consciências perturbadas dos professores), mas não há métodos para aprender”. Segundo ele, o método é uma máquina de controle, mas a aprendizagem está além de qualquer controle; a aprendizagem escapa, sempre.

O próximo parágrafo desenha algumas linhas desta experiência. As pistas cartográficas foram abrindo novos horizontes neste processo.

O errante está atento e aberto inteiramente aos sinais revolucionários no que existe, ao que demanda atenção, por isso é uma forma de sensibilidade, de preocupação em relação com o que está fora e seus habitantes [...] Ele não olha o mundo a partir de uma posição de saber, mas o faz, mesmo sabendo, sensível aos saberes do mundo.[...] O errante é o que joga o corpo no encontro com outros corpos, o que, em pensamento, em seus escritos, joga corporalmente a vida para mudar a vida, para interromper a vida onde não é vida, para permitir o nascimento de uma outra vida, nova, inexistente até o presente. (KOHAN, 2015, p. 60)

“A Metamorfose” de Kafka, os documentários “Janela de Alma”, de João Jardim e Walter Carvalho, e “Viajo porque preciso, volto porque te amo”, de Marcelo Gomes e Karim Ainouz, foram fundamentais para este processo de se lançar no espaço em uma experiência des-re-territorializante. Era preciso colocar o pé na estrada, partir, deixar o continente seguro, ir em busca da ilha desconhecida. Foram 28 dias, 16 cidades, 6 estados e mais de 8.000 km, a pé, de carro, de bicicleta, de carona, de avião, de barco, de jangada, até mesmo de charrete. Sair sem rumo, perder-se e estar aberto ao erro. Isto contribuiu e muito para uma abertura enquanto processo educativo. Buscou-se fazer desta experiência um processo de experimentação.



Figura 8 – Caminhos, portas e janelas. Foto: Thiago Luiz Cachatori

4. Um perambular des-re-territorializante

Este capítulo se apresenta como um exercício de escrita, influenciado por Raymond Queneau (1995) que, ao ouvir as fugas de Bach em concerto (lá pelos anos 30), teve a ideia de criar um equivalente literário, constituído por uma série de variações em torno de uma mesma história. Assim, também se apresenta esta experiência des-re-territorializante. Vale destacar que outro impulso para esta escrita foi dado a partir do texto Travessias de Kátia Kasper e André Lima (2018).

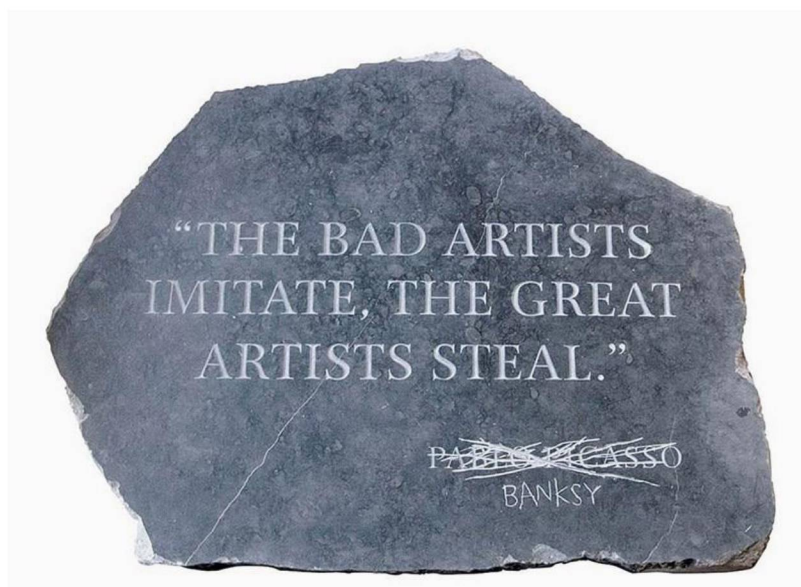


Figura9 – Banksy, Picasso Quote⁴ (2009). Fonte: www.artnews.com

⁴ “Os maus artistas imitam, os melhores artistas roubam.” - ~~Pablo Picasso~~ Banksy

“Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados, sobre o qual a coberta, prestes a deslizar de vez, apenas se mantinha com dificuldade. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o volume do resto de seu corpo, vibravam desamparadas ante seus olhos. “O que terá acontecido comigo?”, ele pensou. Não era um sonho.” (KAFKA, 2016, p. 5)

4.1. Sons e seus atravessamentos no espaço geográfico

Tudo começa com o barulho da máquina de ressonância magnética no Instituto Neurológico de Curitiba. Procedimentos médicos pré-experiência de partir a campo, algo havia saído do comum e após exames se observou que foi um deslocamento cerebral, as placas tectônicas já começavam a bater, instabilidade do que parece sempre estar firme e forte. A princípio, as conexões cerebrais estavam em ordem. Os livros e as roupas sendo colocadas na mochila marcavam a sonoridade do ambiente em que algo iria partir. Zíper abrindo e fechando. “Próxima parada: estação rodoviária, desembarque pelas portas 2 e 4”. O ônibus aquecia o motor, enquanto o barulho do ar condicionado chamava mais atenção que o silêncio dos passageiros que falavam demasiadamente, mas a impressão é que ninguém se ouvia. “Voadeira para Ilha do Mel é R\$50,00”, um rapaz gritava próximo do trapiche de Pontal do Sul. O motor do barco oscilava entre as arrancadas e o som das ondas batendo no barco. Chuva na barraca e o silêncio lá fora. Ouvem-se gemidos de sexo na madrugada. Na virada do ano: fogos de artifício marcavam a entrada de 2017. Tumulto e muita conversa nos ônibus de São Sebastião. “Uber aqui não entra”, dizia o motorista de táxi em Ilha Bela, disputas territoriais marcadas pelas novas formas de economia paralelas. Era possível ouvir o barulho dos Jeeps subindo a montanha e a cachoeira por perto. Briga de bêbados em Ubatuba chamavam a atenção dos que aguardavam para embarcar até Paraty. Lá chegando, as carruagens e os cavalos marcavam a paisagem sonora, o silêncio era como se fosse um domingo de manhã, mas ainda era sábado. Conversa, muita conversa em São Paulo. Até o vizinho debaixo se incomodou com o barulho, a ponto de “acordarmos o prédio”. Motor de avião que partia sentido Salvador. Nas ruas do pelourinho, muito maracatu. A batida dos tambores chamava mais atenção do que o sino da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A bicicleta que circulava a cidade parecia estar enferrujada, as pernas também estavam pois há tempos não andava tanto de bicicleta por uma cidade, sobretudo em uma região de relevo acidentado. Chega-se em Maceió e o vento que batia da vela da jangada nos empurrava mar a dentro, o barulho era apenas do mar e do veleiro jogando água no tecido que ninguém entendeu o motivo até então. Conversa de argentinos se escutava em Maragogi. “Passeio é aqui”. Pessoas se jogavam na piscina e o som da água caindo no piso era marcante. Em Olinda, mais maracatu, mais batuque e muito

tumulto. Era o sinal de que o carnaval estava próximo. Porém, o retorno também estava próximo.

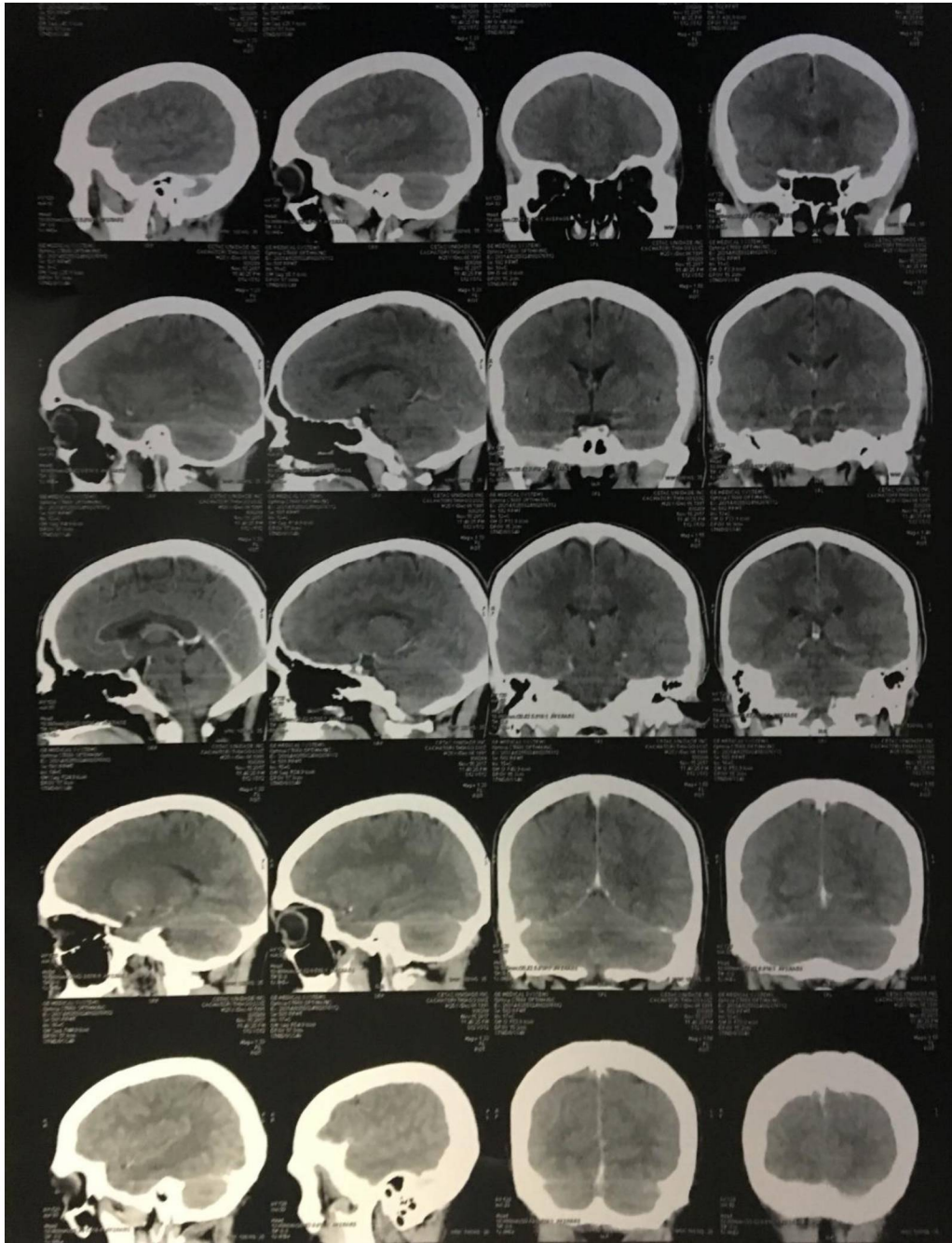


Figura 10 - Ressonância Magnética. Foto: Thiago Luiz Cachatori

4.2. Encontros e seus atravessamentos no espaço geográfico

Tudo começa com um grupo chamado “sem nome”. Orientadora, colegas de mestrado, amigos da escola, familiares. Despedir-se da família para o partir. Na Ilha do Mel, conversa com uma antiga amiga sobre meu caminhar. Virada do ano de 2016/2017 é marcada por novos conhecidos, estudantes de medicina, psicologia, pescadores, crianças caiçaras. O silêncio se faz companheiro nas noites em Superagui. No *hostel* de Ilha Bela, duas jovens de Brasília chamam atenção durante o passeio da praia dos Castelhanos. Encontro e desencontro. Enquanto espera o ônibus para Caraguatatuba, a senhora diz: “meu filho também gosta de ler” e se interessa pela leitura, enquanto o transporte não chega. O encontro do bêbado com a criança marca a inocência do antigo brincar, aquele pede a ela que o deixe ver seu carrinho. Todos olham como se fosse o maior entretenimento de suas vidas. Perderam-se dois dias de escrita e anotações de campo em Ubatuba, tudo que um dia fora um achado havia sido excluído no bloco de anotações, registros e registros que partiram com apenas um click desprezioso e nada intencional, ou seria intencional? Em Parati, a alegria é compartilhada com Henrique, peruano de 70 anos, que não tinha casa e viajava com pouca coisa material, mas com muita bagagem de vida. Volta-se para São Paulo, onde aqueles mesmos amigos do Grupo “Sem Nome” se encontram. Mais trocas e experiências. Atravessamentos com as obras do Tunga, Alfred Andersen, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Portinari, Tarsila do Amaral e outros em museus, bares, ruas. A casa em que estávamos era marcada por regras, não construídas pelas pessoas que ali marcavam presença, mas pela proprietária do imóvel (Não sujar as paredes, Não falar alto, Não bater as portas, Não se pendurar na mesa, Não, Não, Não, Não). Resolvemos caminhar pelo baixo Augusta, em companhia dos Nãos de cabelos amarelos e piercings compondo rostos. Em Salvador, uma vidente fixa o presente e prevê o futuro. “Cuide de seus documentos, menino”, “Não deixa ninguém dirigir seu carro”, “Uma coisa muito boa irá acontecer em sua vida em até 60 dias”. Místicos calendários. Os olhares daqueles que cruzam as ruas são intensos, mas a troca parece ser apenas carnal. Maceió, passaram muitas pessoas, mas nenhuma ficou. Em Maragogi: o desencontro. A cidade parecia não conversar com meu bem-estar, um vazio se fez presente, quarto apertado, sem ventilação, pessoas fechadas, parti para Recife. No trajeto entre estas cidades o taxista, que corria muito, fez algumas trocas, porém, todas superficiais. Superficiais. Expectativas

de um pesquisador que marcam a palavra e a sensação. Superficiais. Como estar aberto ao que acontece? Acontecimento potente quando as expectativas e juízos de valor convocam ao deixar-se afetar. No final da viagem, já em Recife e Olinda, a conversa com um pastor, que viajava a lazer e desapego, deixou marcas. Estava em seu momento de desabafo e abertura. É hora de retornar para Curitiba ao encontro de tudo que alguns dias atrás eu havia me despedido.



Figura 11 - Encontros. Foto: Thiago Luiz Cachatori

4.3. Paisagens e seus atravessamentos no espaço geográfico

Tudo começa com um dia nublado e um tanto quanto frio em Curitiba, nada muito incomum para uma cidade de altitude próxima a 900 metros. Por mais que seja verão, a Ilha do Mel não está tão quente como de costume, sobretudo para uma cidade que se localiza no nível do mar. A garoa predomina. Uma grande mata fechada e nativa é encontrada na Ilha de Superagui. A restinga chama bastante atenção. Uma grande faixa de areia, algumas partes mais rígidas e outras fofas. Caranguejo presente. Mata Atlântica. O relevo no vale do Ribeira marca a viagem de quem vem do Sul para São Paulo. Por mais que Ilha Bela seja uma Ilha, muita modificação já ocorreu na parte sul e oeste da mesma. O leste da ilha é muito mais atraente do ponto de vista ecológico. A paisagem de Paraty fala mais da história do que o próprio guia turístico. Pedra por pedra foi alocada por mãos escravas nestes caminhos. Poucos quilômetros dali, as cachoeiras marcam presença no espaço. Uma ruptura brusca, da cachoeira à selva de pedra. São Paulo se mostra grande como sempre. Muito concreto e frieza nas estruturas, mas calor nas relações. Olhando do avião, as nuvens parecem pequenas, céu de brigadeiro como os pilotos costumam chamar. Ordenamento e organização territorial parecem fazer sentido lá de cima. Salvador é a mistura entre o antigo e o novo, mais antigo do que novo. As praias surpreendem para quem é do Sul e pisa pela primeira vez no Nordeste. É fácil se habituar com as águas límpidas destes litorais. Depois de alguns dias não chama mais tanta atenção, mas mesmo assim continuam sendo marcantes. A segregação espacial é encontrada e evidenciada nas cidades do nordeste. O centro como sempre mais estruturado que as periferias. Muitos bares e igrejas pelas pequenas cidades. Nas orlas das praias, muitos prédios grandes e largos. Para finalizar, Olinda. As grandes ladeiras cansam as pernas de quem caminhou por muitos quilômetros. É hora de voltar para a cidade nublada e fugir um pouco deste calor.

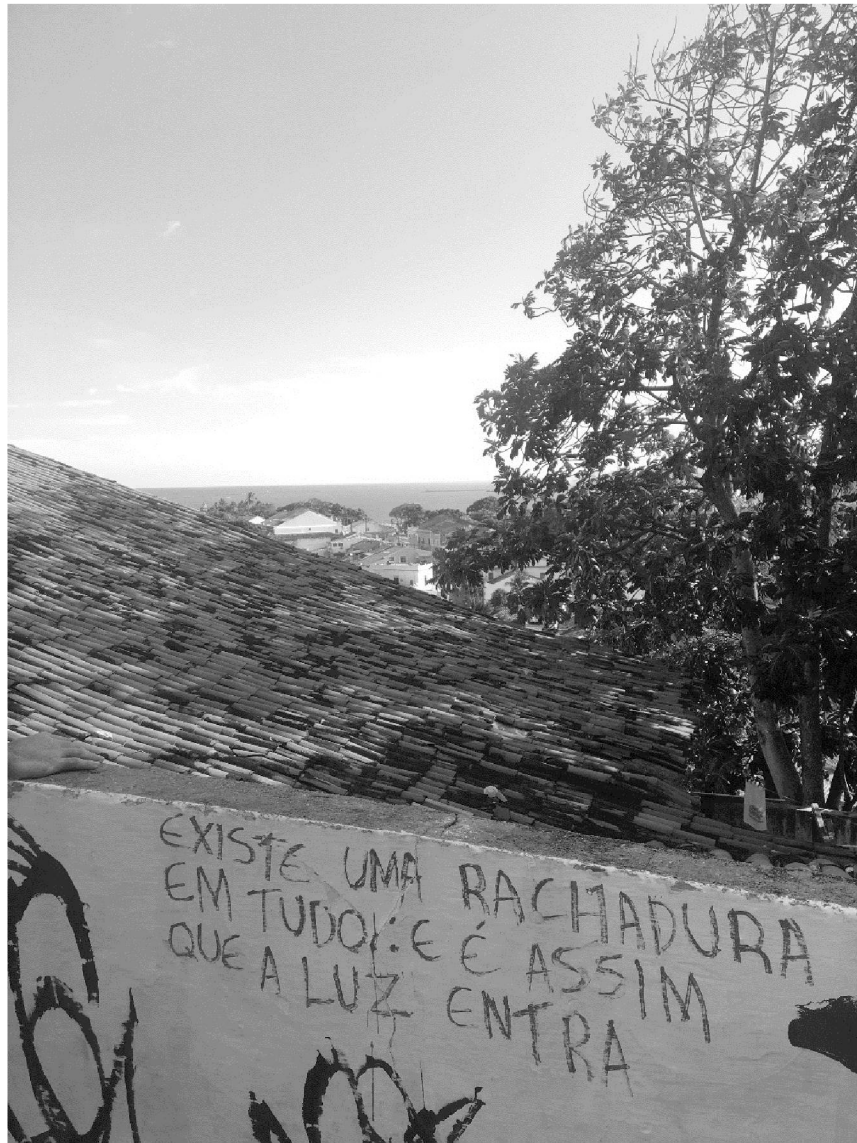


Figura 12 – Nas ladeiras de Olinda. Foto: Thiago Luiz Cachatori

4.4. Sentidos e seus atravessamentos no espaço geográfico

Alguns dos encontros do Grupo Sem Nome se passavam na casa das bolachas. Foi ali que, entre um café e outro, surgiu a ideia do caminhar. Cheiro de hospital antes de partir. Em Paranaguá, alguns minutos antes da chuva cair, já se sabe, parece que alguém cortou a grama. Protetor solar marca os momentos da Ilha de Superagui, bem como a catuaba ao som do fandango. Seria diesel no motor da barca? O pastel na rodoviária do Tietê queima o céu da boca. Muito miojo para poupar dinheiro e tempo em Ilha Bela. O barulho do trânsito e do movimento, tanto em Caraguatatuba como em Ubatuba, impressiona quem não esperava. Durante um almoço em Paraty, um medo toma conta: o de que pessoas que ficaram no momento da partida pudessem estar sofrendo. “O que tem de melhor neste bar? Você indica alguma coisa?”, “Olha, para ser sincero eu não indico nada daqui”, diz o garçom. Siga sempre os conselhos. Acarajé é um novo sentido sem igual. Repete-se este prato diversas vezes. Na rua, na praia, no restaurante, mais uma vez na praia. Camarão e água de coco, não é uma boa mistura, mas é uma das formas de se misturar. O Sol escaldante, meu corpo parecia estar dentro de um forno. O cheiro de mofo e o enclausuramento do quarto de Maragogi faz com que se procure um novo espaço para dormir. Sentimento de fuga em Alagoas. Em Recife, as coisas se acalmam com os foodtrucks e uma bela iluminação noturna. Já em Olinda, muvuca, apagão e tudo mundo se encosta ao som de marchinhas carnavalescas. “Já passou o tempo?” e uma sensação de que é hora de voltar para onde tudo “começou”.



Figura 13 – Calmaria em fuga. Foto: Thiago Luiz Cachatori

4.5. Leituras e seus atravessamentos no espaço geográfico

Tudo parte de uma ideia, caminhar e ler. Ler o caminho. Caminhar lendo o espaço. Em Curitiba, Kafka se faz presente em “A metamorfose”. Tudo é colocado em um constante processo de desterritorialização. Até então, antes desta leitura as placas ainda estavam estáveis, foi a partir de então que tudo começou a mudar de lugar. Na Ilha do Mel, inicia-se “O mestre inventor” de Walter Kohan. Pensa-se o educador como um ser caminhante, que constrói seu ensinar no próprio andar, destacando a força do viajar e formar-se na errância. Entra o ano de 2018 com a leitura do “Livro das ignorâncias” de Manuel de Barros, um homem que brinca com as palavras e as chama para passear. Na Ilha de Superagui. “Passei anos penteando e desarrumando as frases e desarrumei o melhor que pude”. Na travessia das Ilhas, “Nas galerias”, de Kafka, o devir animal em diversos momentos - “Um relato sobre a academia”, “O silêncio das sereias” e “Na colônia penal” deixam marcas - Mais uma vez não é só o barco que balança, Kafka desestabiliza. Jan Masschelein e Maarten Simons marcam a trajetória entre a terra dos caiçaras e a Ilha Bela com a obra “Em defesa da escola: uma questão pública”. O que a escola cria e o que cria a escola? O livro parece não acabar mais. Perdura até Paraty, onde Félix Guattari e “As três ecologias” fazem surgir novas incertezas. “A alteridade tende a perder toda a sua aspereza. O turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamentos”⁵. Assim, se retorna para São Paulo e mais uma vez se depara com a leitura de Manuel de Barros, porém agora com o “Livro sobre o nada”. “Quero tudo que use o abandono por dentro e por fora” [...] “Grilo é um ser imprestável para o silêncio” [...] “Vô! O livro está de cabeça para baixo. Estou deslendo”⁶. Em Salvador, “Tremores” de Jorge Larrosa. Alguns lugares marcam memória na (re)leitura de trechos e fragmentos – caminhar, ler, parar no morro, ler, caminhar, ler, parar embaixo da árvore, ler. O encontro com a estátua de Jorge Amado faz sentir o poder da escrita ainda mais forte. Deixado por último propositalmente? O volume 1 da obra “Mil Platôs” de Gilles Deleuze e Félix Guattari, caminharam por alguns municípios. De Maceió para Maragogi, de Maragogi para Recife, de Recife para Olinda e de Olinda para Recife novamente. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões

⁵ Trecho retirado da obra “As três ecologias” de Félix Guattari (1990).

⁶ Trechos retirados da obra “Livro sobre o nada” de Manuel de Barros (2016a).

ainda por vir.” [...] “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. O plano de consistência (grade) é o fora de todas as multiplicidades”⁷. Nada fora acabado, as leituras só haviam começado, mas é hora de retornar.

⁷ Trechos retirados da obra Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011)



Figura 14 – Palavras perdidas. Foto: Thiago Luiz Cachatori

4.6. Entre o que vai e o que fica e seus atravessamentos no espaço geográfico

Antes de partir, muitas coisas surgiram: Para onde ir? Por onde começar? O que levar? Quanto levar? Como levar? O que deve ficar? O que será que se encontrará? Mal sabia que várias seriam as partidas, cada movimento é carregado de uma partida. Quando se deixou Curitiba, muito se esperava da Ilha do Mel. Não queria mais deixar esta Ilha, mas era hora de chegar em Paranaguá e de lá já partir para Superagui. Mais uma vez não havia desejo de ir embora, o que acabou indo foi o ano de 2017, mas já chegou 2018 e logo com sua chegada a partida para o município de São Sebastião. O barco serviu de entre, entre São Sebastião e Ilha Bela. “Próxima parada: Caraguatatuba” e de lá tomar um ônibus até Ubatuba. O circo chama atenção neste município: como ser um artista sem habitat fixo? Seriam todos os lugares nos quais se instala o picadeiro sua casa? O tempo passou rápido e já se caminha em Paraty, terra das diversas cachoeiras e dos rios que cortam o relevo da Serra. Paraty, Parati, par ti, parti, partiu para São Paulo. Fluxo e mais fluxo, nada parece ser estático, estaria tudo em movimento? Movimenta-se na poltrona do avião até Salvador. Diversas caminhadas atravessam o espaço urbano desta cidade quente. Maceió e o passeio de buggy fazem com que o processo de erosão das falésias seja visto de perto, é o vento que corta a rocha. Chegada a Maragogi, pode-se dizer que foi uma chegada carregada de uma partida, uma tarde na cidade e já se vai para Recife. As placas de “cuidado tubarão” tornam o mar mais atraente, pois aquilo que não se pode é o desejo de muita gente. Desafiam o tubarão ou a placa? Uma caravana de amigos é organizada para o pré-carnaval de Olinda. Os trenzinhos de pessoas cortam as ruas. Alguém corta o fio de luz e as luzes se apagam. Melhor voltar para o *hostel*, mal se percebe e já é hora de voltar de onde tudo começou a partir: Curitiba.

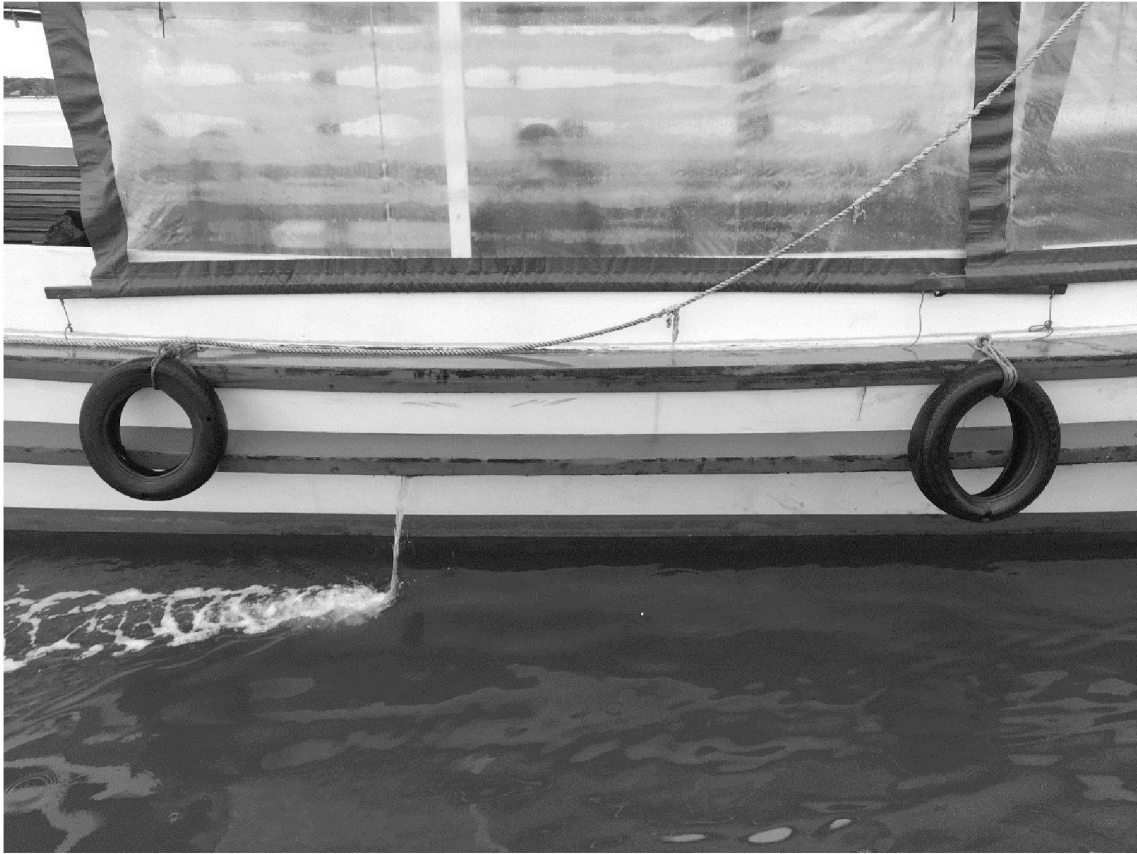


Figura 15 – Dentro ali. Foto: Thiago Luiz Cachatori

4.7. Criação, aprendizagem, educação e seus atravessamentos no espaço geográfico

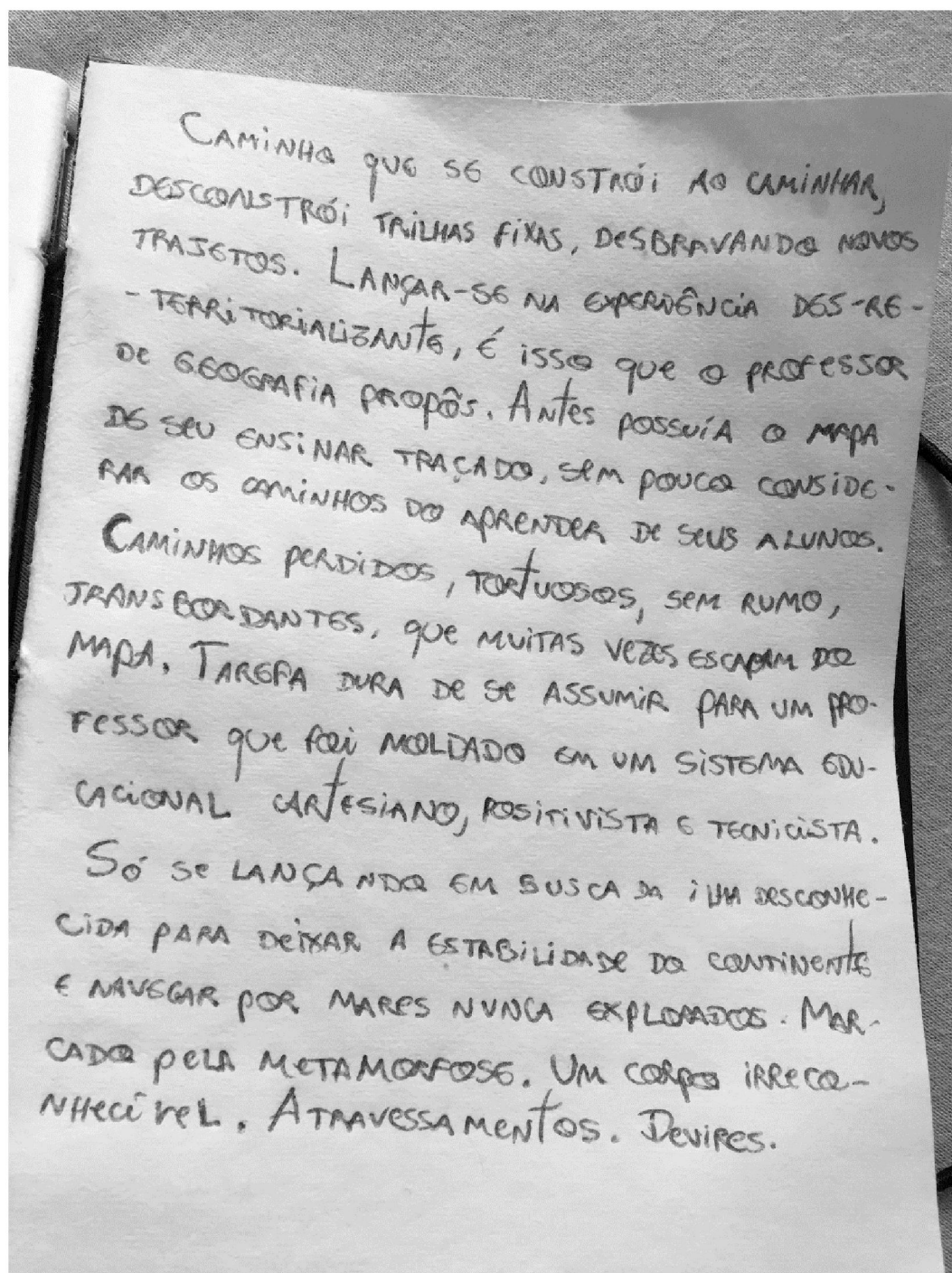
Um professor de geografia e seus caminhos do ensinar na educação básica. “Formalizou-se” em atividade de educador de geografia no ano de 2012 e, desde então, este componente curricular passou a ser sua linha maior de atuação. Entre conceitos, diretrizes e projetos pedagógicos, muito se modelou. A cada ano parecia ter mais certeza do que estava fazendo, modificava o que não ocorrera como o planejado e lapidava sua prática para atingir o desejado e o esperado. Até que, a partir de diversos atravessamentos propiciados por este processo de mestrado profissional em educação, se pôs a repensar todas estas certezas. Iniciara aí uma desterritorialização multiescalar e transversal, com base em uma experiência no espaço geográfico. Vinte e oito dias e mais de 8.000 km percorridos fizeram com que sua prática pudesse ser repensada. A cada caminho desconhecido que se adentrava, um mundo de possibilidades surgia, como se novas conexões e sinapses fossem estabelecidas. Quando retornou ao ponto de partida? A abertura ao novo ganhou passagem. Novas propostas foram iniciadas, as práticas pedagógicas se tornaram o próprio espaço da experiência. Pensar novos rumos para se trabalhar uma geografia que pudesse ser vivenciada sob diversas perspectivas e não apenas sob o olhar de um professor e sua aula lapidada. Os riscos? As rachaduras causadas no processo de aprendizagem dos alunos, que com o inesperado pareciam estar dispostos a criar. Incomodar como ruptura do acomodar. Desvendar para criar.



Figura 16 – Nó. Foto: Thiago Luiz Cachatori

5. Considerações

Como uma carta deixada aos viajantes que se aventuraram nesta experiência, eis que se encontra um rabisco de pensamento no “fim” deste processo de perambulação:



CAMINHO QUE SE CONSTRÓI AO CAMINHAR,
DESCONSTRÓI TRILHAS FIXAS, DESBRAVANDO NOVOS
TRAJETOS. LANÇAR-SE NA EXPERIÊNCIA DES-RE-
-TERRITORIZANTE, É ISSO QUE O PROFESSOR
DE GEOGRAFIA PROPÕS. ANTES POSSUÍA O MAPA
DE SEU ENSINAR TRAÇADO, SEM POUCA CONSIDE-
-RAÇÃO OS CAMINHOS DO APRENDER DE SEUS ALUNOS.
CAMINHOS PERDIDOS, TORTUOSOS, SEM RUMO,
TRANSBORDANTES, QUE MUITAS VEZES ESCAPAM DO
MAPA, TAREFA DURA DE SE ASSUMIR PARA UM PRO-
-FESSOR QUE FOI MOLDOADO EM UM SISTEMA EDU-
-CACIONAL CARTESIANO, POSITIVISTA E TECNICISTA.
SÓ SE LANÇANDO EM BUSCA DE UMA DESCONHE-
-CIDA PARA DEIXAR A ESTABILIDADE DO CONTINENTE
E NAVEGAR POR MARES NUNCA EXPLORADOS. MAR-
-CADO PELA METAMORFOSE. UM CORPO IRRECO-
-NHECÍVEL. ATRAVESSAMENTOS. DEVIRES.

Figura 17 – Percepções em registro de campo. Foto e anotações: Thiago Luiz Cachatori

Partindo da proposta inicial deste trabalho, desafiar um professor/pesquisador em uma experiência des-re-territorializante para um repensar de conceitos dados e

findados no ensino da geografia da educação básica, pode-se dizer que, assim como a própria experiência, toda as linhas envolvidas foram repensadas e desafiadas a se colocar em uma outra perspectiva. Ampliaram-se não só o repertório daquele que se coloca como professor, mas a própria relação construída deste com seus alunos em sala de aula.

Ao longo deste perambular, a escrita e o pensamento flutuaram entre o “dentro” e o “fora” do espaçotempo escolar. O processo des-re-territorializou transversalmente o professor de geografia, o pesquisador do mestrado, as crenças do viajante, entre outros atravessamentos.

Viajar fisicamente pelo espaço é sempre marcado por descobertas, mas este trajeto é também uma mudança do modo de pensar, agir, colocar-se, posicionar-se, ensinar, aprender e tantas outras formas de existir. Um trajeto não é apenas um movimento no espaço, é um movimento interno daquele que se locomove no espaço e sua interação para com os outros. Aí mora a riqueza deste processo para um professor de geografia que está em sala de aula na construção de um pensar o espaço geográfico a partir de suas experiências. Muitas vezes nós, professores, baseamos muito em formações pedagógicas e no que o livro didático traz como conteúdo nuclear. Parece que é nesta dependência didática que perdemos nossos alunos no processo de aprendizagem. Quando o professor está neste espaço de ausência de experiência, a ligação com os alunos se perde no espaçotempo. Trazer suas experiências para dentro da sala de aula, além da emoção de poder transportar/translevar/levar os alunos para aquele espaçotempo em que você esteve presente (mas o fazer presente com os alunos naquela comunicação e expressão) faz com que os ouvidos se atentem, os olhos se dilatam em busca de atenção, o contato se reforce, o desejo se aguce. Des-re-territorialização como modo de pensamento. Duvidar, somente.

Sob o olhar do(a) professor(a), fica evidente que existem outras forma do(a) mesmo(a) se des-re-territorializar, sobretudo para aqueles(as) que estão constantemente se territorializando no espaçotempo de sala de aula, com tempos de 50 minutos, cinco ou seis vezes por um período do dia, às vezes por três períodos em um dia. É possível perder o controle a cada 50 minutos, em cada envolvimento a partir da experiência. Em meu primeiro dia de aula no curso de geografia da Universidade Federal do Paraná, uma professora me chamou atenção, ela era Salete Kozel e, com

seus braços cheios de pulseiras coloridas e brilhantes, ela dizia: “Geografia se faz com os pés” e é isso que este trabalho se propôs a fazer.

É possível destacar a própria valorização do trabalho do(a) professor(a), pelo fato de tirar o peso de suas costas a necessidade de possuir o total controle da situação. É possível ter a leveza do compartilhar, não só a experiência, mas a própria aprendizagem neste processo. Para isso, foi preciso desconstruir todas as certezas prévias e partir ao inesperado; é desafiador, mas nos fortalece enquanto educadores(as). O espaço-tempo escolar é incerto por essência e a educação tende a forçar o controle, seja dos corpos, dos tempos, dos espaços, da aprendizagem. No início deste trabalho, buscava-se repensar uma abertura ao conceito de espaço geográfico; destaco que a abertura rompeu os limites possíveis; a abertura ocorreu para além das pequenas rachaduras, dando espaço para novos agenciamentos, marcados por diversos deslocamentos, reposicionamentos, mudanças e atravessamentos.

Não posso afirmar que conheci de fato a ilha desconhecida, posso até afirmar que esta será permanentemente desconhecida para que estejamos sempre na busca de encontrá-la. Entretanto, caminhei por caminhos tortuosos que me levaram ao encontro do novo, da diferença e da multiplicidade, marcado por este constante des-re-territorializar.

“A gente pensa que é um super-homem. Que faz tudo, que pode tudo, que resolve tudo. Até o dia que você leva um pé na bunda, aí a gente se sente perdido, fragilizado, confuso. Você não consegue ser determinado, solitário, individual. Não consegue nem mesmo terminar um relatório de viagem, não consegue se mover, você se paralisa, é isso que eu sentia, paralisia múltipla, por isso fiz esta viagem, para me mover, pra voltar a caminhar, voltar a comer o sanduiche de filé, voltar a andar de moto, voltar a ver o Fortaleza ganhar, pra voltar a ir a praia no domingo, pra voltar a viver. Minha vontade agora é mergulhar pra vida, um mergulho cheio de coragem, a mesma coragem daqueles homens de Acapulco, quando pulam daqueles rochedos. Eu não tô em Acapulco, mas é como se eu estivesse.”⁸

⁸ Trecho retirado do documentário Viajo porque preciso, volto porque te amo de Marcelo Gomes e Karim Ainouz (2009).

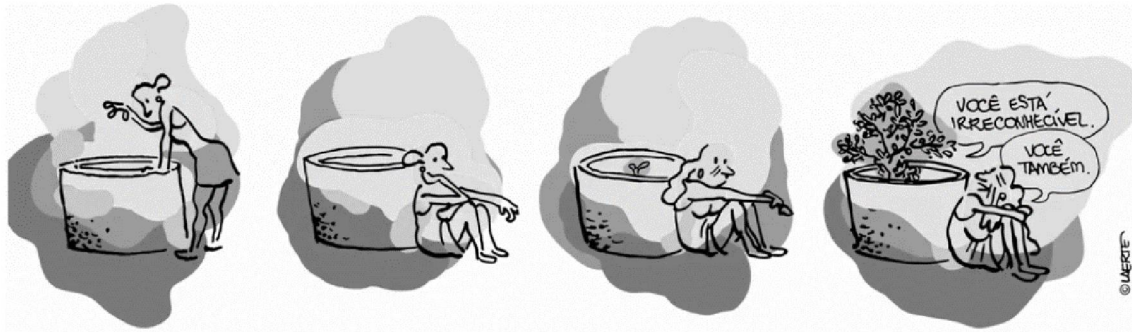


Figura18 - Charge: Laerte (LAERTE-SE, 2017)

Referências

BARROS, Manoel de, 1916-2014. **Livro sobre nada** / Manuel de Barros. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016a.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças** / Manuel de Barros. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016b.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação – Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf> Acesso em: 20/04/2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CIRINO, Bruna; DIAS, Rafael; FREITRAS, Márcia; BRASIL, Filipi. **A importância dos trabalhos de campo nas aulas sobre meio ambiente para turmas de Ensino Fundamental**. ENPEG – 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural** / Paul Claval: Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3.ed – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 14ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. – São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª Edição). 128 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: NETO, Aurélio Guerra; COSTA, Célia Pinto et al. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª Edição). 272 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / Org. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2015.

FERRAZ, Cláudio Benito.; NUNES, Flaviana Gasparotti. **Ser professor: deformar e criar pensamentos**. Revista Percursos – Florianópolis, v.13, nº02, pp. 94 – 113, jul/dez 2012.

FIGUEIREDO, Vânia Santos; SILVA, Geane Sueli Castro. **A importância da aula de campo na prática em geografia**. ENPEG – 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias** / Félix Guattari; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. – Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade: um debate**. Geographia, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 396p.

HAESBAERT, Rogério. **Lugares que fazem a diferença: encontros com Doreen Massey**. GEOgraphia – Niterói, Universidade Federal Fluminense. p. 5-10. Vol. 19, Nº40, 2017: mai./ago.

JANELA da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho; Produção de Flávio R. Tambellini. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2002, 1 DVD (73 min).

KAFKA, Franz, 1883-1924. **A metamorfose** / Franz Kafka; tradutor: Marcelo Backes. – 1. ed. – São Paulo: Mediafashion, 2016.

KAFKA, Franz, 1883-1924. **Nas galerias** / Franz Kafka; seleção, apresentação e tradução Flávio R. Kothe. – São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

KASPER, Kátia Maria; LIMA, Andre Pietsch. **Travessias**. Revista Observatório. Vol. 4, n.1, Janeiro-Março, 2018.

KASPER, Kátia Maria; SILVA, Cíntia Vieira da. **Diferença como abertura de mundos possíveis: aprendizagem e alteridade**. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 711-728, jul./dez. 2014.

KASPER, Kátia Maria; SANTOS, Pollyana Aguiar Fonseca; NASCIMENTO, Flávia Gisele; BIERNASKI, Emerson. **Cartografia, Currículo, Invenção: Pesquisando processos educacionais**. XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PUCPR - Curitiba, 2015. p. 15227 a 15235.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor. Relatos de um viajante educador** / tradução Hélia Freitas. – 1. Ed.; 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

KREPSCHI, Amaranta Gasperotto. **Percursos entre ruas, escritas e modos de subjetivação**. Dissertação de Mestrado, PUC – São Paulo. 2013.

LAERTE-SE. Direção: Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum. São Paulo: Tru3Lab, 2017 (101 min).

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1edições, 2017.

LARROSA, Jorge. **Experiência e Alteridade em Educação** – Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v. 19, n.2, 2011.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a, p. 133-160.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência** / Jorge Larrosa; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. – 1. Ed.; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

L'ABÉCÉDAIR de Gilles Deleuze. Direção: Pierre-André Boutang e Michel Pamart. França: Sodaperaga Productions, 1996 (450 min).

MASSCHELEIN, Jan. **Em defesa da escola: uma questão pública** / Jan Masschelein, Maarten Simons; tradução Cristina Antunes. – 2. Ed.; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar**. O espaço da diferença / Antônio A. Arantes (Org.). Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MASSEY, Doreen. **A mente geográfica**. Tradução: Ana Angelita da Rocha e Maria Lucia de Oliveira. GEOgraphia – Niterói, Universidade Federal Fluminense. p. 36-40. Vol. 19, Nº40, 2017: mai./ago.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade** / Doreen Massey; tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. **Filosofia e política da espacialidade: Algumas considerações**. Tradução: Rogério Haesbaert. GEOgraphia – Niterói, Universidade Federal Fluminense. p. 7-23. Ano 6 – nº12, 2004.

QUENEAU, Raymund, 1903-1976. **Exercícios de estilo** / Raymund Queneau; tradução, apresentação e posfácio, Luiz Resende. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. 2. reimp. Porto Alegre. Sulina, 2012.

ROCHA, Ana Angelita da. **O que Doreen diria sobre nós? Um ensaio sobre a pedagogia da esperança**. GEOgraphia – Niterói, Universidade Federal Fluminense. p. 21-35. Vol. 19, Nº40, 2017: mai./ago.

ROCHA, Ana Angelita da. **Por DoreenMassey: Sobre espaço, resistência e esperança**. GEOgraphia – Niterói, Universidade Federal Fluminense. p. 3-4. Vol. 19, Nº40, 2017: mai./ago.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SANTOS, Gislene. **Pelo espaço: uma nova política de espacialidade**. DoreenMassey. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR), vol. 10, núm. 1, maio de 2008, p. 127-129.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – Técnica e Tempo**. Espaço e Emoção. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. Aquarelas Arthur Luiz Piza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Juliana Santana Ribeiro da. **Os (des)caminhos da Educação: A importância do trabalho de campo na geografia**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 5ª edição, 2003, p. 77-116.

TORRES, Fabiano Ramos. **Travessias do beco: a educação pelas quebradas**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

VIAJO Porque Preciso, Volto Porque Te Amo. Direção: Marcelo Gomes e Karim Ainouz. Brasil: Rec Produtores Associados Ltda, 2009 (75 min).